Consolidação do Capitalismo e da Ordem Burguesa na Europa

A burguesia traça o seu caminho e trilha uma forte ascensão econômica

Antes de ser o que é hoje, o capitalismo passou por várias etapas, mas foi depois da Revolução Industrial, em 1750, que esse sistema realmente tomou forma definitiva. Apesar de restrito, inicialmente, à Inglaterra, o capitalismo acabou sendo responsável pela organização no mundo inteiro. E se levarmos em consideração que eram os ingleses os verdadeiros comandantes do comércio na época, não é algo difícil de acreditar.

Esse pioneirismo pode ser explicado pela existência de um Estado Liberal inglês e de capitais acumulados vindos da exploração colonial e do domínio sobre as atividades mercantis. Um pioneirismo facilitado pela mão-de-obra barata e por apreciáveis recursos naturais.

A melhor maneira de definir essa questão é falar mais uma vez da Revolução Industrial, que gerou uma série de fatores, sendo o mais importante deles a transformação socioeconômica que foi capaz de ratificar os novos sistemas.

Toda essa história afetou o homem inglês, que saiu do campo para a cidade e começou a viver de subemprego para sobreviver. A condição de vida era caracterizada pela miséria e pela exploração dos trabalhadores com jornadas que chegavam a até 14 horas por dia.

De outro lado existia a sociedade burguesa, que já nasceu nos novos centros urbanos e sobre o sistema do capitalismo. Eles viviam em pequenas cidades, cercadas por muros chamados de burgos, entretanto, não eram bem vistos pela nobreza, justamente por trabalharem diretamente com dinheiro, pois na época os nobres se sentiam os detentores do poder.

No início da Idade Média, quando as cidades começaram a ficar mais fortes, comerciantes e artesãos surgiram como a nova força econômica e acabaram por formar as guildas, que eram associações constituídas para vender a própria produção.

Coalbrookdale, cidade britânica considerada um dos berços da Revolução Industrial.

Nos séculos 17 e 18, a burguesia tomou partido das revoluções francesas e americanas que constituíram na queda de alguns privilégios da ordem feudal. Em função desse quadro, a burguesia fazia o seu próprio caminho para a rápida ascensão econômica. Contudo, era um caminho sem volta, pois a burguesia acabou crescendo cada vez mais e passou então a ditar as regras.

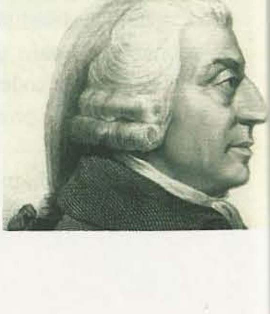
Todos os fatos da história sobre liberdade religiosa e livre comércio partiu da classe burguesa, que aos poucos tomou o lugar da aristocracia e começou a ocupar o topo da hierarquia social.

LIBERALISMO

Esse período envolveu uma série de pensadores que viveram a nova fase da Europa sobre o regime capitalista e a burguesia. Nessa época, a postura dos homens havia mudado, ou seja, eles não eram mais subservientes como eram no sistema religioso de anos atrás, com medo de perder indulgências ou até mesmo serem excomungados, já que a figura política mais importante antes de todo esse movimento era o Papa.

A religiosidade perdeu um pouco o terreno e deu espaço para a razão, o que fez com o homem pudesse aproveitar o mundo de uma forma direta e empírica. Esse

O liberalismo ganhou express[ão] moderna com os escritos de John Locke (acima) e Adam Smith (abaixo).



traço dado ao homem, além de construir uma imagem positiva do individuo, forneceu a ideia de igualdade entre todos. Os pensadores diziam que o homem deveria agir segundo suas próprias razões, e isso só poderia ser garantido com a defesa da liberdade. Talvez esse seja o ponto principal do liberalismo, o que critica toda e qualquer corrente que vai contra a liberdade do homem.

CONSEQUÊNCIAS

Todavia, essa nova postura começou a afetar também os sistemas de governos, no caso as regiões que tinham como regime a monarquia. No conceito do liberalismo, o Estado não deveria ser gerido apenas de acordo com a vontade do Rei. Além disso, o que se pregava no liberalismo é que a maioria deveria ditar a política para o povo, e este deveria ainda escolher seus próprios governantes de uma forma democrática, ou seja, por meio do voto.

Em alguns locais a monarquia ainda se sustenta, como na Inglaterra, por ter aberto essa possibilidade de que não só o país, mas todos os territórios do Reino Unido tivessem um governo próprio.

Na economia, o caminho não foi diferente, pois onde existe o liberalismo há também o livre comércio e o direito a propriedade. O trabalho do indivíduo passou dar a ele subsídios para que pudesse satisfazer suas necessidades, por isso, a propriedade privada é vista na esfera do liberalismo como um direito natural do homem. Sem contar que o Estado também não poderia interferir na economia, já que isso cercearia a liberdade.

O pensador francês Jean Jacques Rousseau (1712–1778) tinha uma opinião contrária a essa corrente da propriedade privada. Rousseau dizia que essa seria a principal responsável pela desigualdade entre os homens, mas a Burguesia refutou tal ideia.

Na época, cada pensador lançava mão de uma teoria, embora fossem sempre calcadas em liberdade, razão, individualidade e igualdade como princípios norteadores pela busca da felicidade humana.

REVOLUÇÃO GLORIOSA NA INGLATERRA

Foi realmente uma revolução no sentido mais amplo da palavra. Tudo começou com a deposição do ditador Richard Cromwell, além das correntes descontentes com a maneira que o antigo governo dirigia a Inglaterra. Estes apoiaram a volta do antigo regime britânico, a Monarquia, que acabou com o coroamento de Carlos II. Esse período da revolução foi conhecido com Restauração Monárquica.

Esse fato aconteceu em 1688, e o novo (velho) regime tinha como objetivo conter novos conflitos sociais que levassem a revolução para o outro lado. Em um primeiro momento, Carlos II visava a expansão das atividades comerciais e industrias inglesas, mas o velho desentendimento entre o Rei e o parlamento atrasava esse expansionismo.

O parlamento aprovou a volta da monarquia, mas desta vez ela não seria absolutista, por isso, o monarca teria seus poderes limitados pelos parlamentares. As rédeas impostas pelo legislativo ao Rei acabaram criando uma relação com o francês Luis XIV, que comandava a França com mão de ferro.

Carlos II decretou medidas de ação econômica que ampliavam a burguesia. Em 1973, o parlamento instituiu a Lei do Teste, que negava a qualquer católico o direito de assumir qualquer cargo público.

Com a morte de Carlos II, Jaime II, irmão do falecido Rei, subiu ao poder e tentou ajudar a população católica, já que era defensor dessa religião. Por conta da Lei do Teste, o novo monarca sofria violenta oposição no parlamento, visto que queria colocar as pessoas mais próximas, que eram católicas, em seu governo. Outra medida polêmica que Jaime II tentou implantar foi baixar a isenção de impostos para os católicos.

As ideias polêmicas do Rei acabaram por irritar de vez o parlamento, que organizou um golpe para a retirada do monarca do poder. Os legisladores convocaram a filha do Rei, Maria Stuart, para depor no parlamento e tramar a saída do de Jaime II, para que **Guilherme de Orange** assumisse o cargo. Este era governador das Províncias Unidas, na Holanda.

Maria II, da Inglaterra, foi educada como protestante sucedendo seu pai católico, Jaime II Stuart, deposto durante a Revolução Gloriosa.

Sem alternativas, Jaime II foi buscar asilo político na França. Anotações da época não registraram violência, mas esse capítulo da história britânica ficou conhecido como Revolução Gloriosa.

No trono, Guilherme de Orange seguiu o parlamento e aprovou o *Toleration Act* (Ato de Tolerância) e a *Bill of Rights* (Declaração de Direitos). Ambos os documentos foram escritos pelo parlamento inglês e foram importantes para o desenvolvimento do capitalismo inglês.

Outra grande diferença foi o estabelecimento de eleições regulamentares e nenhuma lei poderia ser vetada pelo Rei, além do controle dos gastos da monarquia pelo parlamento.

DOMÍNIO PÚBLICO

REVOLUÇÃO FRANCESA

No século 18, a França convivia com o Iluminismo e com a Monarquia, mas o que mais intriga os estudiosos é como uma população tão diversificada, como era a francesa, poderia se reunir diante de uma mobilização desse tamanho. A resposta pode ser um tanto simples. Muitos atribuem essa mesma mobilização para a queda do poder monárquico, sem contar em motivações econômicas e ideológicas.

Existia um paradigma nessa história, pois a França vivia também o Iluminismo, que pregava que todo o cidadão deveria ter igualdade tributária e jurídica, além de um estado laico, apto a atender as necessidades do povo.

Ao mesmo tempo, o insucesso administrativo da Monarquia Francesa, os interesses da burguesia e a crise agrícola deram conta do contexto francês no final do século 18. Nesse período, a França era um país predominantemente agrário. Dos aproximadamente 25 milhões de habitantes, cerca de três quartos viviam no meio rural. Os camponeses estavam atrelados aos costumes feudais, pelos quais a nobreza agrária detinha a posse e o direito de exploração das terras.

Muitos camponeses não aguentaram a pobreza no campo e se mudaram para as cidades, principalmente Paris, em busca de novos trabalhos e da melhora de vida. Contudo, todo esse empobrecimento da população era observado pelo clero, pela realeza e pela nobreza de forma passiva, já que todas essas pessoas eram isentas de impostos e não sentiam na pele o que o cidadão comum sentia.

Essa situação chegou ao ápice entre 1786 e 1787, com a crise da indústria e com os preços absurdos dos produtos agrícolas. Mediante o impasse e a pressão da sociedade, o Rei Luís XVI convocou os "Estados-Gerais" visando a reforma das leis nacionais. Foi neste momento que tivemos reunidas as condições vigentes para a deflagração do processo revolucionário francês.

ERA NAPOLEÔNICA

Durante a Revolução Francesa, as disputas entre a burguesia e as camadas mais pobres da França geraram uma tensão política, que ameaçou uma nova era politica no país.

Nesse tempo, um jovem militar começou a ganhar projeção meteórica, ele era Napoleão Bonaparte. Nascido na Córsega, em 1769, Bonaparte começou a ficar conhecido por sua habilidade em vencer batalhas que eram praticamente perdidas. Em pouco tempo, os franceses o reconheceram como herói e líder revolucionário.

Cansada das crises que assombravam a França, a burguesia via em Napoleão a figura perfeita para acabar com os conflitos internos e, consequentemente, o desenvolvimento econômico do país. Em 1799, Napoleão Bonaparte teve todo o apoio necessário para derrubar o governo provisório e organizar o consulado, e em pouco tempo ocupou o poder.

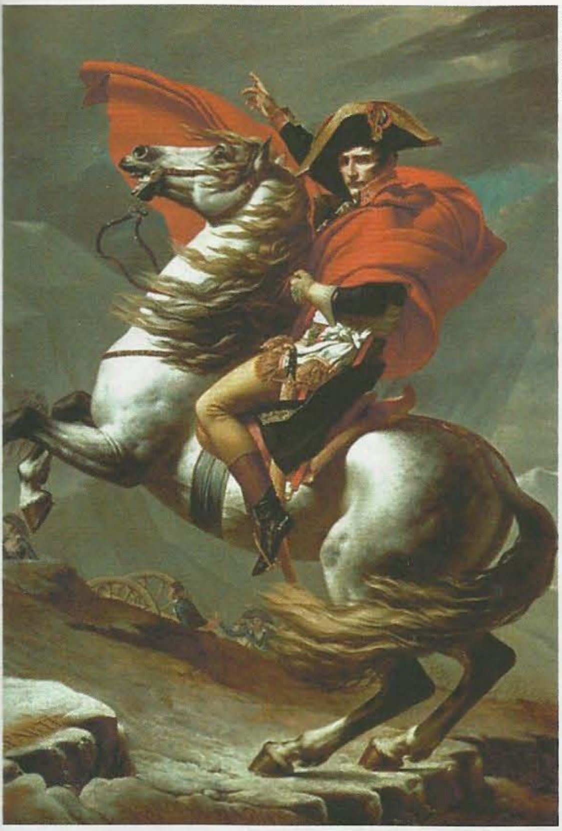
Logo que subiu, Bonaparte tratou de criar o Banco da França, que começou a custear o desenvolvimento do país, reatou as relações com a Igreja Católica e estabeleceu a igualdade de todos os cidadãos perante a lei.

As boas empreitadas deram a Bonaparte o poder absoluto, e ao ser coroado imperador, fez questão de dizer que assumia sua nova condição de defensor republicano.

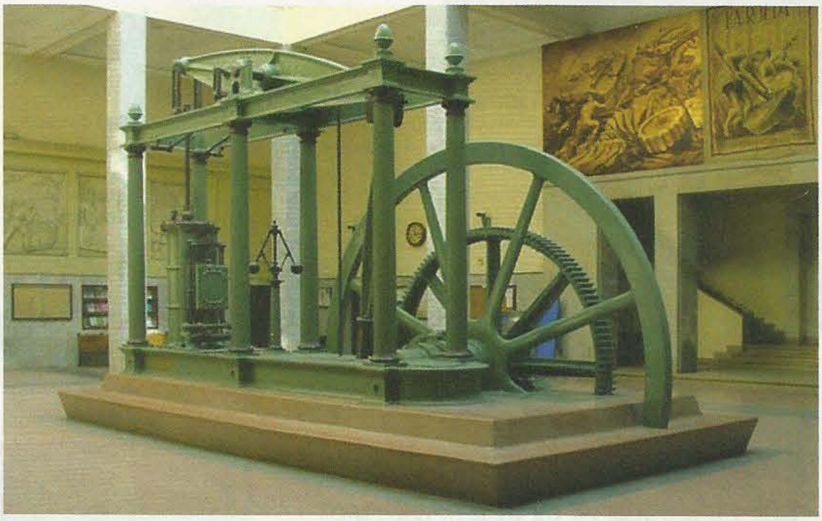
Como imperador, sustentou as conquistas campo-

DOMÍNIO PÚBLICO

DOMÍNIO PÚBLICO



DOMÍNIO PÚBLICO



NICOLÁS PÉREZ

Um motor a vapor de Watt, protagonista da Revolução Industrial na Inglaterra.

Primeira foto, a esquerda: Queda da Bastilha, em 14 de julho de 1789.

Foto acima: Napoleão Bonaparte cruzando os Alpes, em 1800.

Foto ao lado: A Liberdade guiando o povo, por Eugène Delacroix.

Foto abaixo: Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

nesas com a reforma agrária, promoveu uma série de obras públicas e deu continuidade ao processo de modernização da economia.

A estabilidade francesa causou inveja nas demais monarquias britânicas e gerou um levante contra o francês. Isso, contudo, foi um grande erro.

Napoleão, antes de tudo, era um estrategista e tendo sido vitorioso em todas as batalhas, logo se tornou senhor da Europa, todavia, o grande alvo do imperador era a indústria britânica. Como dono de quase toda a Europa, excluindo apenas a Inglaterra, Bonaparte publicou o decreto "Bloqueio Continental", que proibia qualquer comércio com os ingleses na Europa.

Segundo o decreto, quem desobedecesse ao bloqueio seria invadido pelas tropas francesas, e como era quase impossível não fazer comércio com os ingleses, muitos países foram invadidos por Napoleão.

O imperador começou a cair quando tentou invadir a Rússia, que tinha desobedecido o tratado, mas acabou perdendo milhares de soldados nessa investida. Aproveitando da situação, as tropas monarquistas da Europa se reorganizaram para derrotar o governo francês. A primeira derrota aconteceu em 1814, na cidade de Leipzig, onde Napoleão se entregou aos inimigos. Depois disso, foi exilado na pequena ilha mediterrânea de Elba para que não oferecesse maiores riscos. Entretanto, um destacamento de soldados fiéis conseguiu retirá-lo da região e devolver-lhe o controle da França.

Conhecido como o "Governo de Cem Dias", essa desesperada volta de Napoleão ao poder foi logo fustigada pelos seus inimigos na batalha de Waterloo. Dessa vez, o lendário militar foi exilado na ilha africana de Santa Helena. Seis anos mais tarde, ele morreu em consequência de uma terrível doença (provavelmente câncer) que acometia o seu estômago.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Como a Revolução Industrial, em 1750, as relações de trabalho mudaram sensivelmente. O artesão que antes era dono do próprio sistema de trabalho e conhecia profundamente as etapas de produção, nessa nova era, se via atrelado a apenas uma parte desse trabalho.

As inovações tecnológicas trouxeram mais modernidade na transformação da matéria prima e agilizaram todo o processo e redução dos custos. Tudo isso aconteceu graças às máquinas, que começaram a fazer o serviço do homem.

Anos depois, Henry Ford e Frederick Winslow Taylor criaram métodos em que o processo de produção poderia ser diminuído ainda mais. A Revolução Industrial ainda foi responsável por outras mudanças, tanto negativas quanto positivas. Algumas dessas mudanças trouxeram mais conforto para a vida das pessoas, contudo, a poluição começou basicamente neste ponto.

Henry Ford, criador da Ford Motor Company, foi o primeiro empresário a utilizar a montagem em série para produzir automóveis em menos tempo. Acima, o Ford T, conhecido no Brasil como Ford Bigode. O modelo popularizou o automóvel e revolucionou a indústria automobilística.